

## Após queda recorde do PIB, o pior ficou para trás e minha vida vai melhorar?

Daqui para frente, não dá para piorar, segundo economistas. Sua vida tende a melhorar, mas a pandemia não acabou

Por **Júlia Lewgoy, Valor Investe** — São Paulo

01/09/2020 11h41 · Atualizado há 47 minutos



Foto: Ben White/Unsplash

 | 

Daqui para frente, não dá para piorar, segundo economistas. Sua vida tende a melhorar, mas a pandemia não acabou.

Siga o Valor Investe:



O PIB diagnostica se a economia cresceu ou diminuiu e dá pistas sobre o futuro. É só você olhar pela janela da sua casa ou sair na rua que você também encontra essas pistas. Aos poucos, as pessoas estão voltando a circular, as atividades estão sendo retomadas e os dados econômicos divulgados após o 2º trimestre já vieram melhores.

"Esse é o pior momento do PIB. Chegamos ao ponto mais baixo da atividade e o resultado do próximo trimestre será de alta em relação a esse", diz **Rafael Bevilacqua, estrategista-chefe da casa de análises Levante**. No entanto, na contramão do PIB, a taxa de desemprego tende a subir.

**Cerca de 12,6 milhões de brasileiros estavam desempregados na 1ª semana de agosto e a taxa de desemprego foi de 13,3% no período.** Esses **números ainda vão crescer**, de acordo com os economistas, porque, no Brasil, demitir é caro e o governo tentou evitar as demissões, permitindo que as empresas reduzissem a jornada e o salário ou suspendessem os contratos por até seis meses.

Olhando para os dados do PIB, os setores de **transporte, trabalho informal, indústria e comércio serão os que mais vão demorar para retomar o nível de emprego**, na avaliação de Ricardo Jacomassi, economista-chefe da empresa de investimentos TCP Partners.

Segundo o economista, o setor de transportes vai levar até três trimestres para voltar ao normal, a indústria e o comércio, dois trimestres, e o trabalho informal levará um semestre.

Além disso, a taxa de **desemprego tende a crescer porque pessoas que haviam desistido de procurar emprego agora voltarão a buscar trabalho com o reaquecimento da economia**. Ou seja, mais pessoas entrarão oficialmente para a estatística dos desempregados, que são quem não tem trabalho, mas está atrás de um.

Diante desse cenário esperado para o emprego no país, é hora de segurar sua grana e não comprar bens de valor muito alto ou entrar em um financiamento, se você não tem uma reserva de emergência equivalente a pelo menos seis meses de custo de vida.

**Se você corre risco de ser demitido e não tem esse colchão, também não é para investir em aplicações financeiras de renda variável, como a bolsa, porque você não sabe o dia de amanhã.**

"É importante que as famílias continuem mantendo uma atitude de precaução. A crise não acabou", aconselha José Marcio Camargo, economista-chefe da corretora Genial. "As pessoas devem tentar poupar uma parte dos recursos para gastar no futuro caso a pandemia dure, se vier uma segunda onda de contaminações ou caso os estímulos do governo sejam retirados ou reduzidos."

## Oportunidades na crise

Quem tem uma **reserva de emergência** pode aproveitar o momento para fazer bons negócios, como comprar um imóvel ou ações. Mas saiba que a política deve ditar a economia nos próximos três semestres e que, **para tomar risco agora, é preciso ser resiliente à volatilidade do mercado financeiro**.

**Segundo os economistas, a queda recorde do PIB no 2º trimestre não deve mudar as expectativas para a taxa básica de juros, a Selic, atualmente em 2% ao ano, a mínima histórica.**

Economistas esperam que a Selic vai estar nesse patamar no fim de 2020 e vai subir para 3% ao ano no final do ano que vem, segundo o último Boletim Focus do Banco Central, divulgado na segunda-feira (31).

O **Banco Central só deve aumentar os juros mais rapidamente do que o esperado se a inflação também sofrer alta expressiva, o que está fora das expectativas neste momento**. As projeções para a inflação, medida pelo IPCA, são de 1,77% no final deste ano e de 3% no fim de 2021, de acordo com o Focus.